

CISNORMATIVIDADE NO ESPORTE: O LIMBO DOS HOMENS TRANS¹

Eric Seger de Camargo,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

A partir de trajetórias de homens trans no esporte utilizou-se como ferramenta teórica a cisnormatividade e a matriz cisnormativa para caracterizar os principais desafios na inserção de homens trans no esporte, apontando mecanismos de inteligibilidade de sexo/gênero que produzem uma espécie de limbo para os homens trans atletas. Este limbo é caracterizado pela certeza da inferioridade esportiva dos homens trans e da percepção de não-pertencimento da testosterona.

PALAVRAS-CHAVE: homens trans; atleta trans; cisnormatividade; esportes

INTRODUÇÃO

Os requisitos para as categorias feminina e masculina no esporte baseiam-se em características fisiológicas a partir da noção de sexo biológico macho/fêmea, categoria que foi historicamente construída pela biomedicina (LAQUEUR, 2001). Desde observação da genitália externa, passando por testes cromossômicos e chegando na medição de níveis de hormônios sexuais, as políticas de verificação de sexo encontraram situações de pessoas intersexo que foram submetidas a violências, humilhações e rejeição social por não serem inteligíveis no binário macho/fêmea (MARTINEZ-PATINO *et al*, 2010). As pessoas trans (transexuais, travestis ou transgênero) também foram sujeitas a exclusão do esporte ou regulação de parâmetros fisiológicos para enquadrar-se nestas categorias.

Se para mulheres trans, a principal discussão é uma suposta vantagem física em relação às mulheres cis, para os homens trans existem desafios diferenciados (PEÇANHA, 2018). Através da análise de trajetórias de homens trans atletas, utilizando da produção transfeminista brasileira buscou-se examinar os elementos de cisnormatividade na trajetória dos mesmos. O ponto de partida da observação empírica é a dificuldade de encontrar atletas que continuam a competir na categoria masculina após a transição, o que indica a existência de uma barreira, caracterizada como uma espécie de limbo.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



MATRIZ CISNORMATIVA DO ESPORTE

A matriz cisnormativa do esporte é delineada a partir dos paradigmas de exigências fisiológicas que conferem legitimidade ao sexo biológico (SEGER, 2020). A categoria feminina foi sujeita à grande escrutínio para verificação de sexo das atletas sob a pressuposição de que poderiam existir “homens se fazendo passar por mulheres” para obter vantagens injustas (MARTINEZ-PATINO *et al*, 2010; SEGER, 2020). Vergueiro (2015) aponta como eixos da cisnormatividade: pré-discursividade, binariedade e permanência. Estes eixos são materializados no esporte de acordo com Seger (2020) pelos seguintes recursos: 1) expectativa pré-discursiva de relação entre desempenho e níveis de testosterona, que limita a inteligibilidade de qualquer hipótese divergente; 2) binariedade das categorias de gênero no esporte, que são mimetizadas pela inteligibilidade de existência de dois modelos de corpos – dois patamares de desempenho; c) atribuição de efeitos permanentes no corpo a partir da designação de sexo no nascimento e exposição a níveis hormonais normativos. A premissa da inferioridade do sexo feminino é um pilar fundamental para articulação dos traços da matriz cisnormativa.

HOMENS TRANS NO ESPORTE

O campo de análise escolhido são registros sobre participação de homens trans em esportes. A partir de notícias, documentários e artigos científicos, resgatamos excertos das trajetórias de homens trans atletas, escolhendo através do critério de conveniência e saturação, três casos com características singulares: Heinrich Ratjen do atletismo nos anos 30, Andreas Krieger do arremesso de peso nos anos 80 e Patrício Manuel, boxeador amador (na categoria feminina) e profissional (na categoria masculina) dos anos 2010.

Seger (2020) relata sobre Heinrich Ratjen que a revista Time em artigo de 1966, alegou que o regime nazista teria obrigado, o atleta a competir na categoria feminina disfarçado, como Dora Ratjen na Olimpíada de 1936. Anos depois, a matéria foi questionada quanto à sua legitimidade, pois havia registro de que Ratjen teria sido designado como sendo do sexo feminino ao nascer mediante dúvida, sendo, então, um homem intersexo, que fez a transição após conflitos com policiais que o prenderam pensando se tratar de um homem vestido de mulher. O requerimento da mudança no registro civil teria sido em 1939, após a



participação de Ratjen em competições de atletismo, e a partir de então ele se aposentou da carreira de atleta.

Outro registro de atleta homem trans, mas que também competia sob a identidade feminina, foi o de Andreas Krieger, atleta do arremesso de peso da equipe da República Democrática Alemã, na década de 80. Ele foi dopado com hormônios andrógenos sem que soubesse. No caso de Andreas, anos após sua aposentadoria no esporte, ele descobriu sobre transexualidade, e então resolveu fazer a transição de gênero.

Já o boxeador Patrício Manuel, em 2018, foi reconhecido como o primeiro homem trans a disputar uma luta profissional de boxe nos Estados Unidos (BRASLOW, 2021). Ele já havia sido campeão nacional amador cinco vezes antes da transição, na categoria feminina. A partir da sua transição de gênero, ele voltou-se para o boxe profissional, na categoria masculina.

DISCUSSÃO

As situações analisadas podem ser categorizadas da seguinte forma: homens trans que competiram antes da transição, e não continuaram a carreira esportiva como homens, e homens trans que competem na categoria masculina. No caso de Andreas Krieger, a questão de identidade de gênero é associada com a violação do consentimento no uso de hormônios masculinos. Ratjen está marcado por ser intersexo, num contexto de forte criminalização de diversidade de gênero. Patrício Manuel já é inserido na época de despatologização de identidades trans. Por ser um homem negro tem atravessamentos do racismo que interferem em como ele é inteligível pela sociedade.

Uma das ideias que sustenta o pânico moral sobre a participação de mulheres trans no esporte é a ideia de que homens cisgêneros voluntariamente iriam optar por serem mulheres trans para obter vantagens na categoria feminina. Este argumento é contraposto pelo regulamento de esportes universitário nos EUA (GRIFFIN E CARROLL, 2011) reiterando que a decisão de assumir uma identidade trans na sociedade é complexa e vem de uma necessidade profunda de ter sua vivência e gênero reconhecidos socialmente. Logo, seria muito leviano que alguém tomasse essa decisão para usufruir de vantagens que nem são comprovadas até o momento, mas são suposições vindas da matriz cisnormativa (SEGER, 2020).

O que as evidências das trajetórias de homens trans selecionadas demonstram é que o contrário é mais provável: o doping sem consentimento de mulheres cis atletas foi uma realidade nos anos 80, como ocorrido com Andreas Krieger. Não foi publicizada nenhuma outra história de atleta que tenha assumido identidade de homem trans a partir dessa situação. Mas várias das atletas foram submetidas a dopagem com hormônios andrógenos sem seu conhecimento e sem seu consentimento. A invisibilidade dessa preocupação como elemento chave na discussão sobre atletas trans revela parte do limbo dos homens trans: a hierarquia entre a cisgeneridade masculina e a cisgeneridade feminina.

Essa noção se associa à ideia de inferioridade de desempenho feminina, que sustenta a hipótese de vantagem de mulheres trans, e também a fantasia de que homens tentariam se passar por mulheres. O único caso registrado de algo semelhante é o de Heinrich Ratjen. É possível destacar que mesmo que ele fosse homem se passando por mulher, o seu resultado competitivo na Olimpíada de 1936 foi de quarto lugar. Ou seja, sua “ambiguidade” masculina não lhe rendeu automaticamente um lugar no pódio.

No caso de Patrício Manuel, sua vitória sobre um boxeador cis perturba a premissa de inferioridade permanente de uma pessoa que foi atribuído o sexo feminino ao nascer. Para contornar essa perturbação do “cistema” é atribuído status de trapaça pelo uso de testosterona e, portanto, não merecimento da vitória. É como se a testosterona em si fosse a razão da vitória, e não pertencente àquele corpo. Assim, Patrício Manuel relata dificuldade em encontrar adversários que aceitem lutar com ele, e enfrenta muitos comentários em sua publicidade nas redes sociais alegando que ele não pertence à categoria masculina (BRASLOW, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos traços da cisnormatividade como propostos por Vergueiro (2015) e da matriz cisnormativa do esporte proposta por Seger (2020), analisamos as trajetórias de três homens trans atletas. Os elementos que materializam os traços da cisnormatividade nessa matriz esportiva no caso dos homens trans são: a certeza pré-discursiva da inferioridade física dos homens trans, a quem não se atribui uma vantagem injusta inata (como no caso das mulheres trans), a permanência dessa noção de inferioridade mesmo após transição, sendo o uso de testosterona atribuído como uma forma de enganar ou de trapacear, e assim, vitórias na

categoria masculina são atribuídas a isso; e a binariedade expressa pelos lugares inteligíveis possíveis de mulher e homem, necessitando enquadramento em critérios específicos, que leva a este limbo em que as marcas da inferiorização (tanto pela atribuição de “essência feminina” quanto pela transexualidade) dificultam o acesso ao esporte.

Estes traços podem ser observados nas trajetórias na forma de abandono ou expulsão da carreira de atleta ao fazer a transição, como no caso de Ratjen; dificuldades de continuação da carreira, como Patrício Manuel e seus relatos de dificuldades de encontrar lutadores dispostos a lutar contra ele (BRASLOW, 2021) e atribuição da virilidade atlética unicamente à testosterona, como no caso de Krieger e Manuel. O racismo ainda produz outras barreiras para atletas negros, como no caso de Manuel, dificultando acesso e permanência.

O escopo dessa análise se limitou a algumas trajetórias. Existem mais elementos a serem incorporados em futuras análises, como por exemplo atletas trans que competem na categoria feminina, mas já com a externalização da identidade masculina, atletas infanto-juvenis, e mais intersecções com raça, etnia e regionalidades.

A escolha por 3 momentos históricos tão distintos é para evidenciar que as trajetórias transmasculinas no esporte não são um fenômeno recente. Essas ocorrências são envoltas de silenciamento e invisibilização. Os momentos distintos permitiram atuações diferentes, mas mantiveram como base a presença desse limbo que é uma barreira no acesso da população transmasculina aos esportes institucionalizados, seja amador ou de alto rendimento, e, portanto, é fundamental que se proponham mudanças nos regulamentos esportivos para ampliar a compreensão sobre gênero e corpos de forma a facilitar o acesso dessa população ao esporte.

CISNORMATIVITY IN SPORTS: THE LIMBO OF TRANSGENDER MEN

ABSTRACT

From the trajectories of trans men in sport, cisnormativity and the cisnormative matrix were used as a theoretical tool to characterize the main challenges in the insertion of trans men in sport, pointing out mechanisms of intelligibility of sex/gender that produce a kind of limbo for the trans men athletes. This limbo is characterized by the certainty of the transmen inferiority in sports and the perception of non-belonging to testosterone.

KEYWORDS: *transmen; trans athlete; cisnormativity; sports;*



CISNORMATIVIDAD EN DEPORTES: EL LIMBO DE LOS HOMBRES TRANS

RESUMEN

A partir de las trayectorias de los hombres trans en el deporte, la cisnormatividad y la matriz cisnormativa se utilizaron como herramienta teórica para caracterizar los principales desafíos en la inserción de ellos en el deporte, señalando mecanismos de inteligibilidad del sexo / género que producen un limbo para los deportistas hombres trans. Este limbo se caracteriza por la certeza de inferioridad deportiva de los hombres trans y la percepción de no pertenencia de la testosterona.

PALABRAS CLAVES: hombres trans; atleta trans; cisnormatividad; deportes

REFERÊNCIAS

BRASLOW, S. **Boxer Patricio Manuel, a transgender pioneer, is still looking for his next fight.** ESPN, junho, 2021. Disponível em: https://www.espn.com/boxing/story/_/id/31662608/boxer-patricio-manuel-transgender-pioneer-looking-next-fight. Acesso em 22/06/2021

GRIFFIN P, CARROLL H. **NCAA Inclusion of Transgender Students-Athletes**, agosto, 2011. Disponível em: [www.ncaa.org/sites/default/files/Transgender Handbook 2011](http://www.ncaa.org/sites/default/files/Transgender_Handbook_2011). Acesso em: 15/06/2021

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MARTINEZ-PATINO, M. *et al.* An approach to the biological, historical and psychological repercussions of gender verification in top level competitions. **Journal of Human Sport and Exercise** 5(3): 307–321, 2010.

PEÇANHA, L. M. B. **“Homens trans sofrem transfobia diferente das mulheres trans no esporte” afirma Leonardo Peçanha.** Observatório da discriminação racial no esporte, 2018. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/homens-trans-sofrem-transfobia-diferente-das-mulheres-trans-no-esporte-afirma-leonardo-pecanha/>. Acesso em: 15/06/2021

SEGER, E. **Pessoas Trans no Esporte: Os jogos da cisnormatividade.** 2020. 155f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2020.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** 2015. 244f. Dissertação (Mestrado) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

